



FUNDAÇÃO GASPAR E MANUEL CARDOSO

RELATÓRIO DE GESTÃO

ANO : 2023



1 - Introdução

A FUNDAÇÃO GASPAR E MANUEL CARDOSO, com sede social em RUA SÃO LAZARO, com um capital social de 827.468,68 €, tem como atividade principal Atividades de apoio social para pessoas idosas, com alojamento. O presente relatório de gestão expressa de forma apropriada a situação financeira e os resultados da atividade exercida no período económico findo em 31 de Dezembro de 2023.

O presente relatório é elaborado nos termos do artigo 66º do Código das Sociedades Comerciais (CSC) e contém uma exposição fiel e clara da evolução dos negócios, do desempenho e da posição da FUNDAÇÃO GASPAR E MANUEL CARDOSO, procedendo a uma análise equilibrada e global da evolução dos negócios, dos resultados e da sua posição financeira, em conformidade com a dimensão e complexidade da sua atividade, bem como uma descrição dos principais riscos e incertezas com que a mesma se defronta.

2 - Enquadramento Económico

O ano de 2023 pode ser dividido em 3 categorias, economia, guerras e alterações climáticas.

Para muitos, a evolução da economia em 2023 foi uma surpresa. A ameaça das elevadas taxas de inflação registadas em 2022 fazia temer o pior. Historicamente, períodos de elevada inflação são seguidos por períodos de recessão, diminuição drástica da atividade económica e subida do desemprego. No entanto, a recuperação das cadeias logísticas, a diminuição da procura por bens de consumo, as políticas financeiras e monetárias adotadas pelos bancos e a estagnação dos salários permitiram abrandar a inflação. O mundo parece ter afastado o cenário de recessão, substituindo-o por uma "soft-landing". Para os restantes indicadores, a palavra de ordem foi "abrandamento", a atividade económica abrandou, o crescimento do PIB da maioria dos países abrandou e o mercado de trabalho abrandou.

Na segunda categoria, guerras, aconteceu o esperado e o inesperado. Como era expetável a guerra na Ucrânia permaneceu o ponto central de grande parte de 2023. O conflito atingiu um novo impasse após a contraofensiva ucraniana ter nutrido poucos ganhos sendo que a Rússia manteve a sua política de bombardeamento indiscriminado. Do lado do inesperado, o mundo assistiu ao reacender de um conflito histórico no médio oriente. A invasão de Israel pelo Hamas despoletou uma contraofensiva na Faixa de Gaza que se materializou numa invasão por parte das forças israelitas e no bombardear incessante do território palestino. Ao contrário da guerra na Ucrânia, em que a resposta pró-Ucrânia foi praticamente total, o conflito no médio oriente gerou ondas de controvérsia que se alastraram um pouco por todo o mundo. Líderes mundiais tomaram posições opostas, foram levantadas questões sobre crimes de guerra de parte a parte e alastraram-se manifestações populares pró-palestinianas em vários países. Este conflito armado, que se tornou também num conflito de opiniões, fez aumentar as divisões religiosas em algumas regiões, com relatos de ataques e de um aumento generalizado do sentimento antissemita. No meio da escala destes conflitos é de lembrar que 2023 viu ainda dois golpes de estado militares, um no Níger e outro no Gabão.

Por fim, na categoria alterações climáticas, o mundo ardeu, tremeu e também inundou, naquele que foi o ano mais quente desde que há registo. A preocupação com as alterações climáticas aumentou à medida que várias regiões do globo se viram a braços com condições meteorológicas cada vez mais extremas.

2.1. A Nível Internacional e Europeu

Mundo

O ano de 2023 trouxe surpresas para grande parte dos economistas. As rápidas subidas das taxas de juro não fizeram cair os mercados financeiros e as taxas de inflação, que continuam significativamente acima do desejado, parecem estar a ser controladas sem despoletar uma recessão. No entanto, esta resiliência inesperada dos mercados não significa que tudo tenha corrido bem.

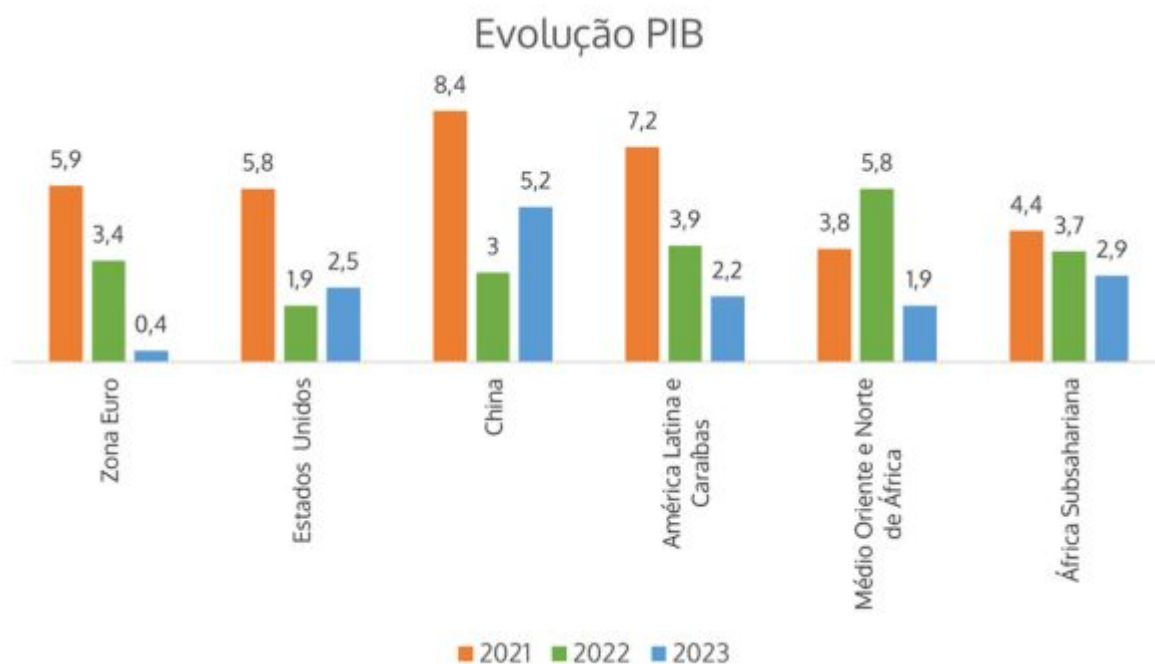
Embora aparentemente, grande parte do mundo tenha evitado a queda numa nova crise, o crescimento económico abrandou de forma generalizada. Segundo o World Bank o crescimento do PIB mundial tinha sido de 3% em 2022, mas ficou-se pelos 2,6% em 2023. O Fundo Monetário Internacional aponta três grandes culpados para o desacelerar das economias..

Em primeiro lugar, o fim da recuperação económica pós-covid. Em 2022 as economias mais baseadas em serviços observaram uma maior retoma que as outras, mas a retoma está praticamente concluída o que fez estabilizar o crescimento em 2023.

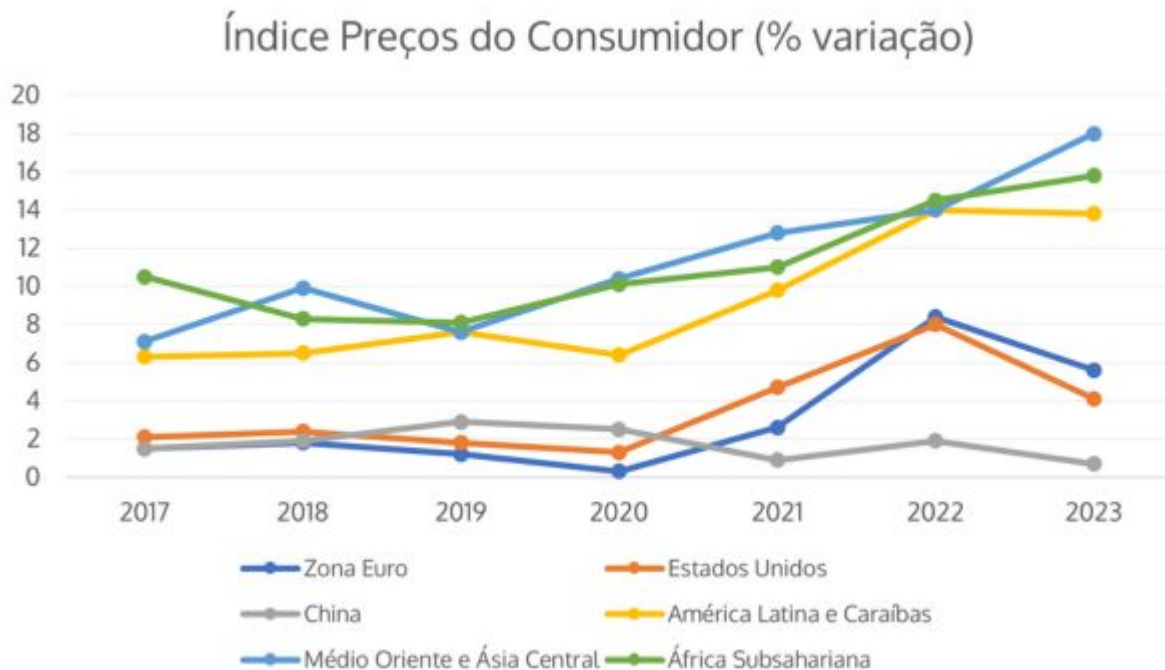
Em segundo lugar, houve um apertar das condições de disponibilização de crédito fruto de políticas monetárias mais restritas que tinham como objetivo controlar a inflação. Esta rigidez dos mercados financeiros afetou o mercado imobiliário e o investimento, especialmente em países com maior incidência de taxas de juro variáveis.

Por fim, com um efeito mais generalizado, a inflação continuou a causar estragos. Os mais afetados foram os países mais dependentes do fornecimento de energia da Rússia e que viram os preços da mesma aumentar.

Abaixo apresentam-se os dados de crescimento do PIB desagregados pelas principais regiões do mundo.



Com exceção da China e dos Estados Unidos, todas as restantes regiões observaram uma queda de crescimento, dando continuidade à tendência iniciada em 2022. A inflação comportou-se de forma semelhante, observando-se uma subida menor do indicador na maioria das regiões.



Como explicação para a desinflação observável no gráfico acima, o FMI e World Bank estão largamente de acordo nas principais causas.

A quebra na procura, associada a uma retoma das cadeias logísticas de fornecimento que tinham sido altamente impactadas pelo Covid-19 e pela guerra na Ucrânia, fizeram cair a pressão sobre o mercado das commodities.

O preço dos combustíveis baixou mesmo com a flutuação registada na segunda metade do ano, fruto da instabilidade no médio oriente. A descida deve-se a um aumento das exportações de países não OPEC+ e a uma menor procura, fruto da quebra na produção global.

Os salários mantiveram-se constantes, este facto, associado ao fim de muitos dos apoios dados pós-Covid-19, retirou poder de compra às pessoas, ajudando a diminuir a pressão da procura. Adicionalmente, impediu a chamada wage-price spiral, fenómeno em que o aumento dos salários leva a uma maior procura, que por sua vez, leva a um aumento de preços, o que leva a uma maior pressão para aumento de salários, perpetuando um ciclo.

Embora, se possa celebrar o aparentemente cenário de soft-landing, os bancos centrais continuam a alertar para o facto de as taxas continuarem bastante acima dos 2% desejáveis.

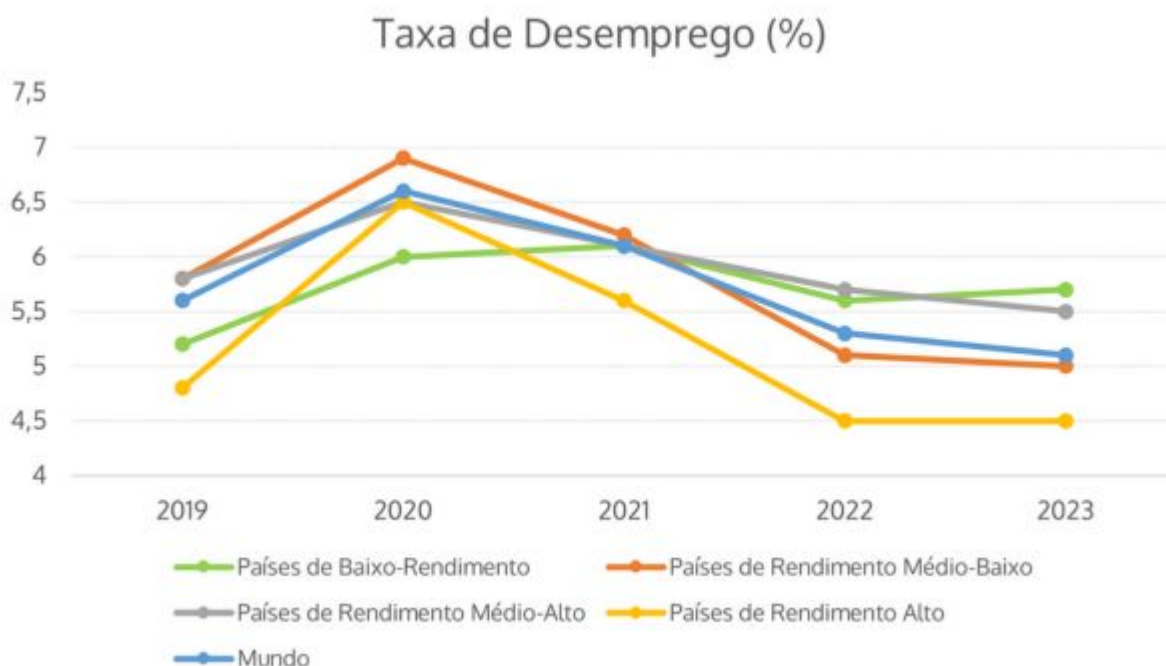
Por isso mesmo, a política monetária dos principais bancos centrais continuou bastante apertada. Esta política permitiu conter as principais crises do ano no setor bancário nomeadamente quando diversos bancos regionais dos EUA e o Credit Suisse se mostraram problemáticos. No entanto a rigidez financeira, que se materializa num aumento das taxas de juro, começou a contagiar outras áreas da economia.

Ao longo de 2023 foi possível observar uma diminuição de disponibilização de crédito por parte dos bancos. Por um lado, houve um aumento da exigência para o fornecimento de financiamento, por outro lado, as empresas tentaram diminuir as suas alavancas financeiras contraindo menos dívidas.

A quebra de atratividade dos créditos também levou a uma quebra no investimento. Um dos setores que mais sentiu esse efeito foi o mercado imobiliário onde os preços das casas começaram a estagnar e até a inverter a tendência de crescimento em alguns países.

Pela positiva, a política monetária mais apertada parece não ter afetado de forma relevante os mercados de dívidas da maioria das economias. Não obstante, o World Bank alerta que no grupo das economias emergentes e em desenvolvimento, 1 em cada 4 países continua a encontrar custos proibitivos de financiamento.

Sem quebrar a tendência de abrandamento dos outros indicadores, também o mercado do trabalho estabilizou. Apenas os países de baixo-rendimento registaram um ligeiro aumento da taxa de desemprego, com os restantes a continuarem a tendência de queda que se vinha a registar desde 2021.



Como ilustrado no gráfico acima, as quedas sentidas em 2023 são modestas quando comparadas com as do período homólogo. Mesmo assim, a Organização Internacional do Trabalho (ILO) reporta que as dificuldades de contratação e retenção de mão de obra em alguns setores continuaram com os especialistas a alertar que alguns países estão a assistir a uma fuga de trabalhadores qualificados, dos seus países de origem, para países com melhores ofertas salariais.

Um fator preocupante foi a inexistência de aumento do salário real em 2023. Mesmo com a falta de trabalhadores, tanto o FMI como o ILO reportam que não existiram aumentos salariais significativos no ano



findo. Esta ausência de aumentos de remunerações, associados a uma inflação elevada e a um mercado imobiliário que estagnou com preços e taxas de juro elevadas, fez com que os trabalhadores tivessem perdido poder de compra.

Relativamente à estrutura do mercado de trabalho, as mudanças continuaram a acontecer, em especial nos países de alto-rendimento. Houve um aumento de trabalhadores em regime part-time sendo que este fenómeno foi mais prevalente nas mulheres. As horas médias de trabalho continuaram abaixo dos níveis pré-pandemia, em parte devido ao ponto anterior, outra parte porque as empresas têm reduzido cargas horárias de forma a manter profissionais.

A redução de horários como medida de retenção de trabalhadores está em linha com uma nova abordagem das empresas para atração de talento. O relatório do World Economic Forum indicava que em 2023 apenas 35,3% das empresas viam a oferta de maiores salários como uma estratégia para reter pessoas. Como alternativa, 48,1% das empresas indicavam que iriam começar a apostar numa melhor progressão de carreira para os seus trabalhadores, enquanto 28,5% indicavam que iriam oferecer mais oportunidades de trabalho remoto e híbrido (20,5% indicavam fazê-lo apenas a nível nacional enquanto 8,6% indicavam fazê-lo também a nível internacional).

Na vertente não financeira, 2023 foi um ano de problemas. Enquanto o mundo continuava a assistir às imagens de guerra vindas da Ucrânia, um novo conflito emergiu no Médio Oriente. Um ataque do grupo terrorista Hamas despoletou uma resposta de Israel na Faixa de Gaza. E enquanto a guerra despoletada na Ucrânia era para muitos preto e branco, o conflito do médio oriente foi ganhando vários tons de cinza à medida que dirigentes e representantes de diversos países foram tomando posições opostas. O alegado uso desproporcional de força e crimes de guerra de Israel deixaram vários países a braços com manifestações pró-Palestina e com o aumento de um sentimento antissemita.

Mas nem todos os protestos foram contra a guerra, o mundo assistiu também a lutas pelo ambiente. O tema das alterações climáticas surgiu várias vezes ao longo do ano, quer por bons motivos, como quando a nova lei europeia de restauração da natureza foi aprovada no parlamento europeu numa votação renhida em que os principais opositores eram os partidos de direita mais conservadores. Como por maus motivos, como quando a cimeira da COP28 ficou manchada pelo aparente plano dos Emirados Árabes Unidos de usar esta plataforma da sustentabilidade para discutir negócios de petróleo.

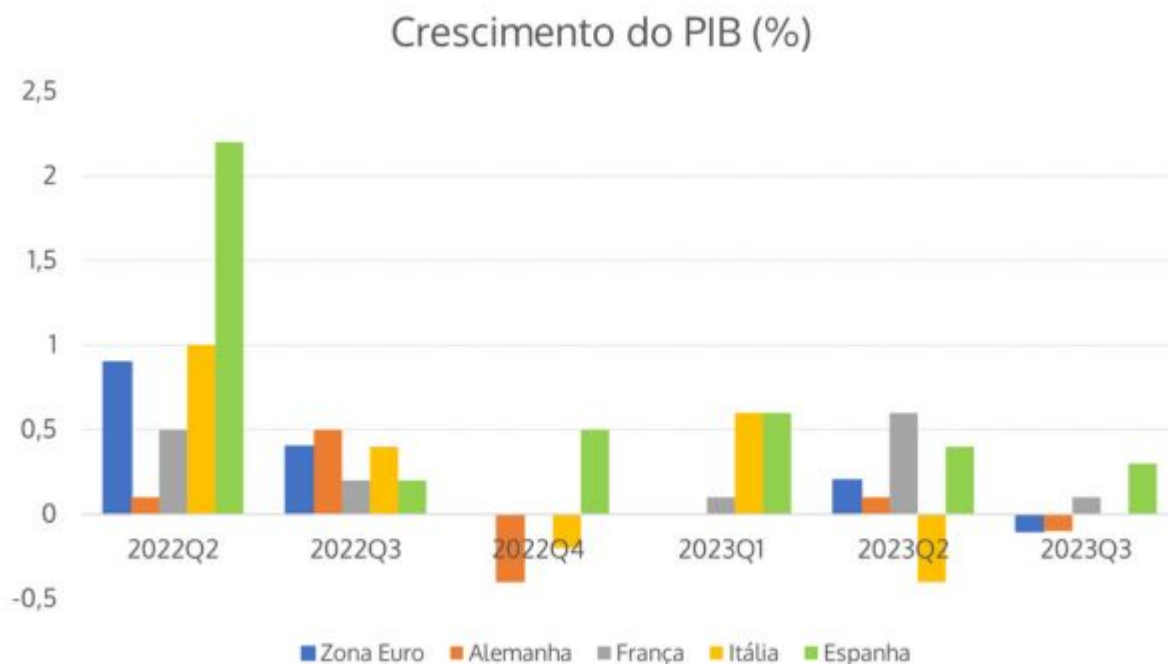
Acima de tudo, o tema das alterações climáticas surgiu sempre que um novo desastre natural se fazia sentir. No que toca a fogos, o Canadá foi atingido pelos piores incêndios de que há registo, a Grécia viu uma das suas ilhas turísticas ter de ser evacuada por causa das chamas, e no Havaí, uma das regiões históricas foi reduzida a cinzas. Embora nem todos os fogos sejam causados pelas alterações climáticas, 2023 foi o ano mais quente desde que há registos.

Mas as catástrofes naturais não se ficaram pelos fogos, o mundo enfrentou vários terremotos com dois a ganhar uma dimensão catastrófica, um em Marrocos, que matou 3.000 pessoas, e um que atingiu a Turquia e a Síria e vitimou 60.000 pessoas. Também as cheias foram problemáticas, na Líbia, as maiores cheias do último século destruíram duas barragens e causaram 4.000 mortos.

Por estas razões e por outras, o doomsday clock, relógio simbólico criado para simbolizar o quão perto a humanidade está de uma catástrofe global, foi colocado a 90 segundos da meia-noite. Por outras palavras, desde que foi criado em 1947, nunca o relógio esteve tão perto da hora que simboliza o fim da humanidade.

Europa

A Europa acompanhou a tendência global nos principais indicadores económicos e, tal como as restantes regiões do globo, teve como principal desafio as elevadas taxas de inflação.



Recorrendo a algumas regiões ilustrativas, o gráfico acima espelha o parco crescimento do PIB na Zona Euro em 2023. Este abrandamento é espelho de uma quebra na atividade industrial, e numa perda de força no crescimento dos serviços.

Por outro lado, a inflação também abrandou de forma transversal em todos os setores. Para os bens, a descida dos preços deve-se a uma quebra na procura e à recuperação das cadeias logísticas e de fornecimento. Na área dos serviços, atingiu-se o ponto de reabertura plena o que trouxe mais equilíbrio à relação procura oferta.

Relativamente ao desemprego, não houve alterações significativas entre 2022 e 2023. O Eurostat reportava que a taxa de desemprego na Zona Euro era de 6,5% em outubro de 2023, uma descida de 0,1 pontos percentuais relativamente aos 6,6% registados a Outubro de 2022. Quanto à União Europeia, a taxa de desemprego terá ficado pelos 6% em outubro de 2023, uma descida 0,1 pontos percentuais relativamente aos 6,1% registados a Outubro de 2022.

Mesmo que ligeira, a descida da taxa de desemprego demonstra a resiliência do mercado de trabalho face à desaceleração de atividade e crescimentos na Europa. Não obstante, o ano findo viu diminuir o número de vagas disponíveis bem como a procura por mão de obra, especialmente nos setores industriais e de construção. O setor dos serviços, embora continue em expansão, também mostrou sinais de quebra.

O consumo privado estagnou, depois de ter aumentado 4,1% em 2021 e 4,3% em 2022, o FMI reporta que o crescimento em 2023 fica pelos 0,7%, resultante da subida do consumo de serviços dado que o consumo de bens perecíveis caiu ao longo do ano. O consumo publico também abrandou, para os 0,1%, uma quebra menos acentuada dado que em 2022 o crescimento tinha sido de apenas 1,3% o que já contrastava com os 4,1% de 2021.

Principais Mercados Estrangeiros

China

Após um ano de fraco crescimento o PIB do mercado chinês iniciou uma trajetória de recuperação. Segundo



dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico e do World Bank, 2022 registou um crescimento de 3% que aumentou para 4,5% no primeiro trimestre de 2023, 6,3% no segundo trimestre e 4,9% no terceiro trimestre, tendo fechado o ano com um crescimento médio relativo a 2022 de 5,2%.

Este crescimento deve-se, maioritariamente, à reabertura da economia e à quebra comparativa registada em 2022. No entanto, o investimento imobiliário continua a cair o que tem pesado negativamente.

Esta região tem escapado à pressão inflacionária que se faz sentir no resto do mundo, em grande parte porque a China é praticamente autossuficiente no que toca ao mercado dos alimentos, e porque a sua posição relativamente à guerra na Ucrânia lhe permitiu ter acesso a preços baixos nas importações de petróleo vindos da Rússia.

O desemprego deverá manter-se alto para os padrões do país, com 2023 a fechar com uma taxa de 5,3%. Esta taxa é consequência do aumento do desemprego entre as camadas mais jovens.

EUA

Segundo dados da OCDE, o PIB dos EUA deverá ter crescido 2,4% em 2023, 0,1 pontos percentuais abaixo da estimativa de 2,5% do World Bank. É um crescimento superior ao registado em 2022 e que espelha a robustez da economia americana.

Graças ao alívio dos constrangimentos das cadeias logísticas os EUA registaram um abrandar da inflação. Segundo o FMI, este indicador, que havia crescido 8% em 2022, registou um crescimento de 4,1% em 2023. De acordo com estatísticas da Casa Branca esta redução da inflação é causada, em grande parte, pela quebra da subida de preços nos bens alimentares, na energia e nos bens de consumo.

O mercado do trabalho continuou a crescer, mas a um ritmo mais lento do que o registado em 2022. A OCDE estima que a taxa de desemprego se tenha mantido nos 3,6%, um valor historicamente baixo para o país.



Portugal

O Banco de Portugal registou um crescimento de 6,8% do PIB português em 2022. Para 2023 os dados indicam um crescimento de 2,1%, uma quebra de 4,7 pontos percentuais. Embora o ano tenha começado forte, o segundo e terceiro trimestres trouxeram um estagnar da atividade económica que se manteve até ao final. Esta quebra está intrinsecamente ligada ao abrandar de atividade dos parceiros económicos de Portugal tendo-se registado uma descida da procura externa. Adicionalmente, a política monetária mais apertada afetou as condições de financiamento das empresas e investidores. Com as quebras sentidas, foi o turismo que sustentou o fraco crescimento português em 2023, bem como os fundos provenientes do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

Quanto ao indicador que mais preocupava os especialistas, a inflação, também sofreu uma quebra causada pela normalização da oferta, pela política monetária e pelo abrandar da procura. Desta forma o FMI estima que, após um crescimento de 8,1% em 2022, a inflação tenha sido de apenas 5,3% em 2023. A Comissão Europeia é mais pessimista, apontando uma taxa de inflação de 5,5%. Embora ambas as instituições mencionem uma recuperação da estabilidade nos preços, é de lembrar que as taxas indicadas para 2023 continuam acima dos níveis desejados.

Um dos setores para o qual 2023 não foi um bom ano foi o da habitação. Com o elevado preço das casas, uma taxa de inflação a consumir o rendimento das famílias e a política monetária a fazer disparar as taxas de juro, as condições para compra de casa foram-se deteriorando. Segundo dados do INE, no primeiro trimestre de 2023 foram vendidas -20,8% casas do que em igual período de 2022, e no segundo trimestre foram vendidas -22,9% casas face ao período homólogo. A maior quebra aconteceu na venda de casa a compradores com domicílio fiscal em Portugal a quem foram vendidas -2,8% casas do que no primeiro trimestre e -23,8% do que no período homólogo. No que toca a vendas a compradores com domicílio fiscal fora do território nacional, também houve uma quebra nas vendas, mas estes compradores representam agora 7,5% das vendas de casas efetuadas, a maior percentagem desde que o indicador começou a ser oficialmente acompanhado em 2019.

Em relação ao mercado de trabalho, em 2023 a taxa de desemprego sofreu um ligeiro aumento. Segundo dados do FMI, a taxa de 6,1% registada em 2022 aumentou para os 6,6%. No entanto, enquanto a taxa de desemprego subia, também a taxa de emprego cresceu. Segundo dados do Banco de Portugal, houve um aumento de 0,8% na taxa de emprego. Este comportamento paralelo dos dois indicadores deve-se a um aumento da população ativa, segundo estatísticas do INE, no final de 2022 a população ativa era composta por cerca de 5.008.600 pessoas, sendo que no terceiro trimestre de 2023 este número tinha subido para cerca de 5.341.600 pessoas. O salário médio deverá ter aumentado 7,5%.

De acordo com a OCDE o consumo privado cresceu 1%, o que contrasta com o crescimento de 6,8% em 2022 e de 5,7% em 2021. A inflação volta a ser a grande culpada por este comportamento. Para além disso, o consumo privado sofreu grandes aumentos em 2021 e 2022 dadas as poupanças acumuladas durante o período de confinamento e fecho da economia causados pelo COVID-19. Em 2023 os especialistas concordam que estas poupanças acumuladas terão sido esgotadas, o que retirou força à procura. No que toca ao consumo público, cresceu 1,1% em 2023, valor próximo dos 1,4% registados em 2022 e consideravelmente abaixo dos 4,5% registados em 2021.

Um dos fatores que mais afetou negativamente o crescimento de Portugal em 2023 foi a quebra das exportações. Depois de um crescimento de 17,4% em 2022, o crescimento ficou pelos 5,3% em 2023. Esta quebra acentuada deve-se principalmente à já mencionada quebra na atividade económica dos principais mercados externos.

A rentabilidade do ativo das empresas foi aumentando ligeiramente na primeira metade do ano face aos 9,2% registados no final de 2022, mas quebrou 0,2 pontos percentuais na entrada do segundo semestre.

RENDIBILIDADE GLOBAL DAS EMPRESAS



Comparando o 3º trimestre de 2023 com o período homólogo, houve aumentos ligeiros na rendibilidade das empresas do setor da industrial, no setor da eletricidade e água e no setor da construção, mas todos os outros setores sofreram quebras. No que toca às empresas públicas a rendibilidade destas fixou-se nos 7,2%.

A autonomia financeira das empresas aumentou para 43,2% no segundo trimestre de 2023, era de 41,8% no final de 2022. O peso dos financiamentos no ativo das empresas baixou para 27,9% o que compara com os 30,8% registados no mesmo período do ano anterior. Este aumento foi transversal a todos os setores da economia. Quanto à dimensão das empresas, as PME registaram um aumento da autonomia financeira dos 41,1% no segundo trimestre de 2022 para os 44,2% no mesmo período de 2023, enquanto as grandes empresas registaram um aumento deste rácio dos 34,7% no segundo trimestre de 2022 para os 36,7% no segundo trimestre de 2023. No setor público, a autonomia financeira aumentou de 31,7% no segundo trimestre de 2022 para 33,9% no mesmo período de 2023.

Segundo o governo português, a dívida pública portuguesa no final de 2022 representava 115,9% do PIB. Em 2023 este rácio deverá cair para os 98,7%, representando uma descida de 17,2 pontos percentuais.

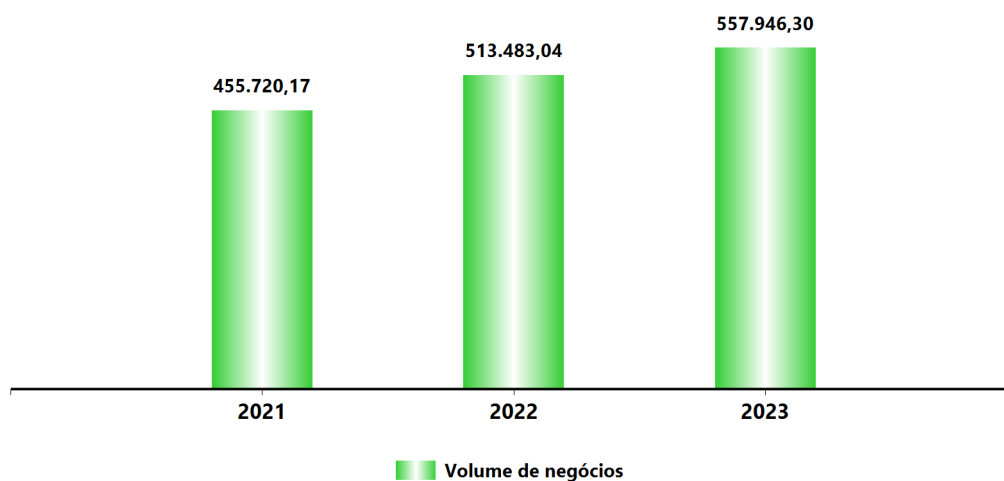
3 - Análise da Atividade e da Posição Financeira

No período de 2023 os resultados espelham uma evolução positiva da atividade desenvolvida pela empresa. De facto, o volume de negócios atingiu um valor de 557.946,30 €, representando uma variação de 8,66% relativamente ao ano anterior.

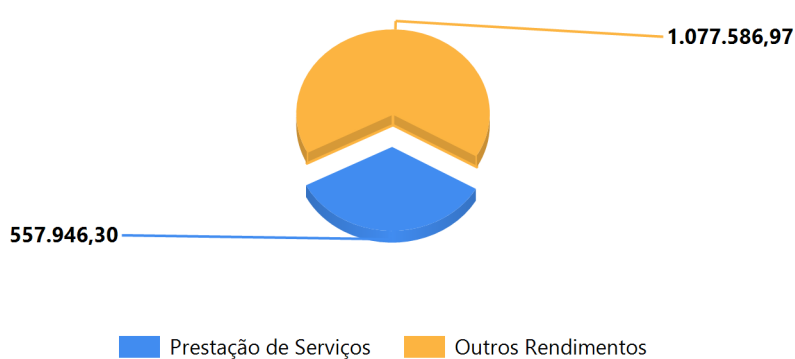
A evolução dos rendimentos, bem como a respetiva estrutura, são apresentadas nos gráficos seguintes:



Evolução Vendas e Prestações Serviços



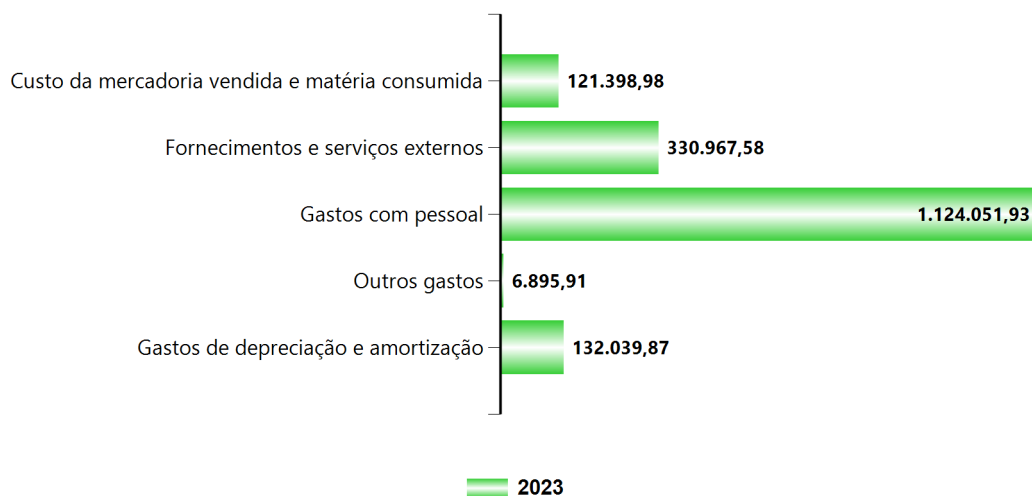
Estrutura de Rendimentos



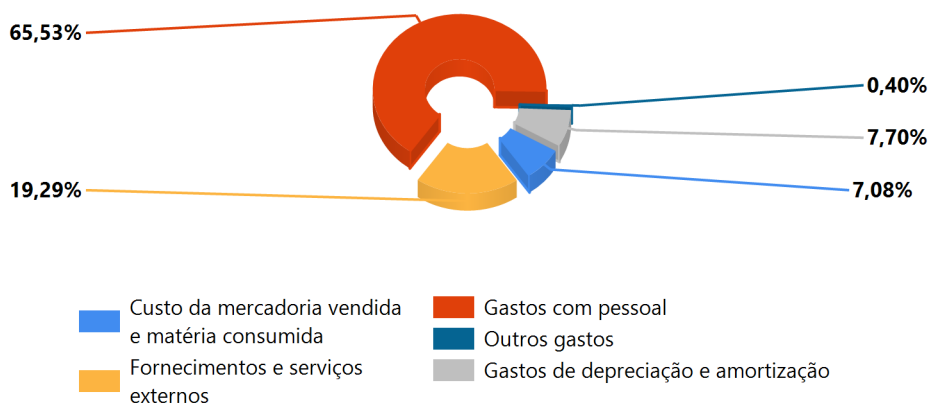
Relativamente aos gastos incorridos no período económico ora findo, apresenta-se de seguida a sua estrutura, bem como o peso relativo de cada uma das naturezas no total dos gastos da entidade:



Estrutura de Gastos



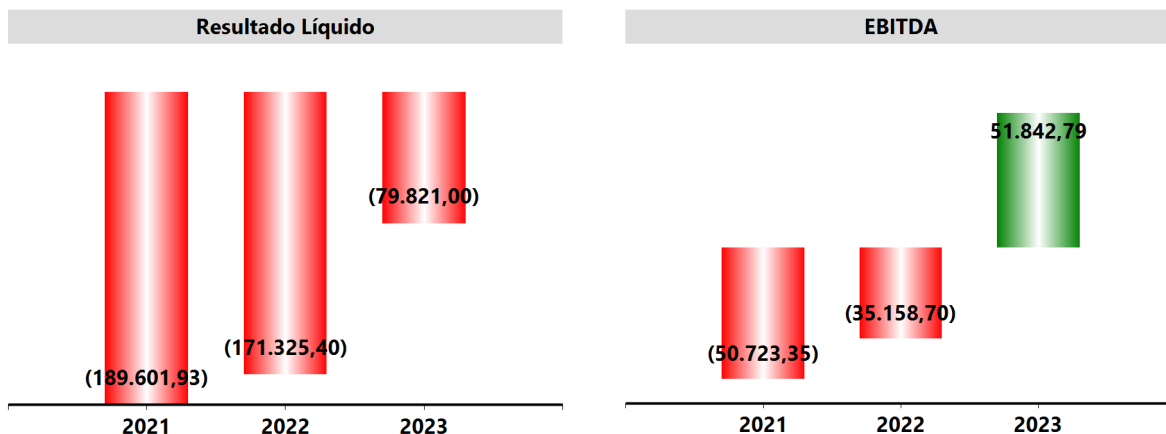
Estrutura de Gastos Percentual



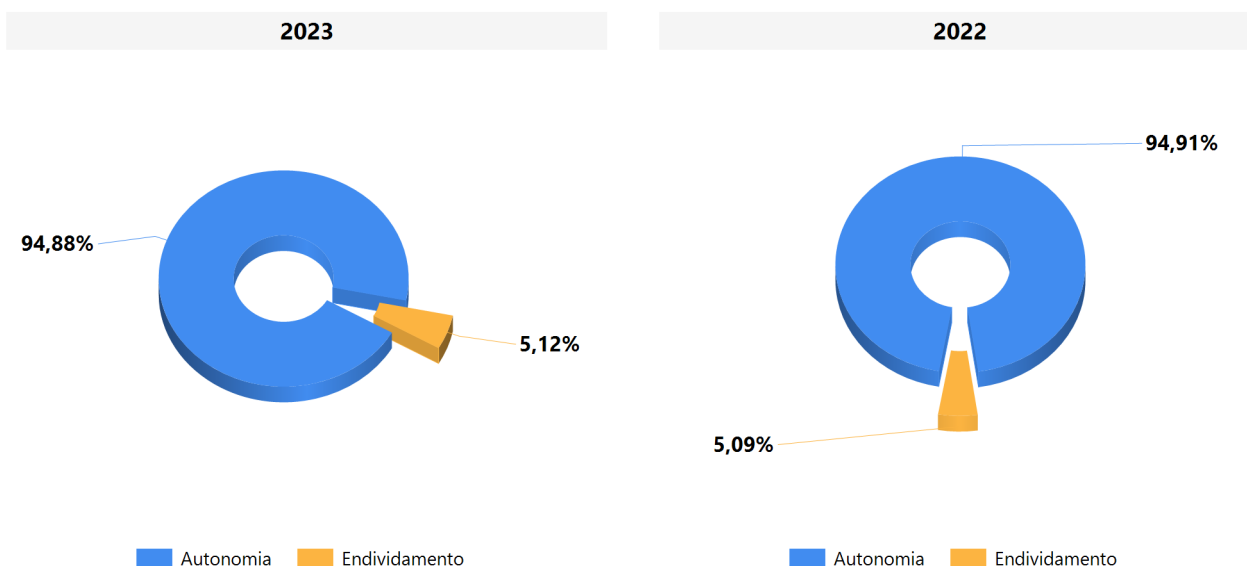
No que diz respeito ao pessoal, o quadro seguinte apresenta a evolução dos gastos com o pessoal, bem como o respetivo nº de efetivos.

RUBRICAS	PERIODOS		
	2023	2022	2021
Gastos com Pessoal	1.124.051,93	1.013.621,62	1.030.676,53
Nº Médio de Pessoas	66,00	67,00	68,00
Gasto Médio por Pessoa	17.031,09	15.128,68	15.157,01

Na sequência do exposto, do ponto de vista económico, a entidade apresentou, comparativamente ao ano anterior os seguintes valores de EBITDA e de Resultado Líquido.



Em resultado da sua atividade, a posição financeira da entidade apresenta, também comparativamente com o ano anterior, a seguinte evolução ao nível dos principais indicadores de autonomia financeira e endividamento:



De uma forma detalhada, pode-se avaliar a posição financeira da entidade através da análise dos seguintes itens de balanço:



ESTRUTURA DO BALANÇO

RUBRICAS	2023		2022	
Ativo não corrente	4.069.250,84	80 %	4.176.493,35	80 %
Ativo corrente	1.030.760,78	20 %	1.035.441,08	20 %
Total ativo	5.100.011,62		5.211.934,43	

RUBRICAS	2023		2022	
Capital Próprio	4.839.068,54	95 %	4.946.427,39	95 %
Passivo não corrente	0,00	0 %	0,00	0 %
Passivo corrente	260.943,08	5 %	265.507,04	5 %
Total Capital Próprio e Passivo	5.100.011,62		5.211.934,43	

4 - Proposta de Aplicação dos Resultados

A FUNDAÇÃO GASPAR E MANUEL CARDOSO no período económico findo em 31 de dezembro de 2023 realizou um resultado líquido de -79.821,00€, propondo a sua aplicação para a conta de resultados transitados:

APLICAÇÃO DOS RESULTADOS	
ANO	2023

5 - Expetativas Futuras

5.1. Cenário macroeconómico

Mundo

Espera-se um cenário económico para 2024 semelhante ao vivido em 2023, com a maioria dos indicadores económicos a crescer de forma muito moderada. No médio longo prazo é expetável que as políticas monetárias mais restritivas vão sendo aliviadas à medida que a inflação vai sendo controlada.

CRESCIMENTO DO PIB



Como espelhado no gráfico acima, o crescimento do PIB deve abrandar ainda mais em 2024. Segundo dados do World Bank, o PIB mundial deverá crescer apenas 2,4% em 2024, uma quebra de 0,2 pontos percentuais face a 2023, com uma recuperação em 2025 para um crescimento de 2,7%. Os dados da OCDE são mais otimistas, estimando um crescimento do PIB de 2,7% em 2024 e 3% em 2025. Em todos os casos, são crescimentos abaixo da média registada entre 2013 e 2019 que segundo a OCDE foi de 3,4%.



Relativamente ao indicador que mais problemas continua a causar, a inflação, é esperado que esta continue a abrandar. Embora o conflito no Médio Oriente tenha aumentado a volatilidade do mercado do petróleo, é esperado que os preços desçam em 2024, dada a quebra do crescimento mundial e o aumento das exportações provenientes de outros países. Todavia, estas previsões partem do pressuposto que os conflitos existentes não sofrem um aumento de intensidade e abrangência. O preço dos metais também deverá cair à medida que a atividade na China abrande. Desta forma, o FMI estima que a inflação deverá passar de 4,6% nas economias mais avançadas em 2023, para 3% em 2024, com uma previsão a longo prazo (2028) de 2%. Por seu lado, as economias emergentes e em desenvolvimento, que registaram uma taxa de inflação de 8,5% em 2023, deverão registar uma taxa de 7,8% em 2024 e de 5% em 2028.

É importante referir que os indicadores mencionados acima, PIB e inflação, estão bastante dependentes de uma manutenção ou redução de intensidade no conflito na Ucrânia e no Médio Oriente. Um dos maiores riscos do ponto de vista económico para o próximo ano é que estas guerras voltem a causar constrangimentos nas cadeias de abastecimento. Alguns ataques recentes no mar vermelho já causaram complicações em algumas rotas de fornecimento e grandes disrupções no fornecimento de petróleo podem fazer disparar a inflação.

Adicionalmente, se as taxas de inflação se mostrarem mais difíceis de abrandar do que esperado, poderá haver um novo agravamento da política monetária fazendo disparar juros. Embora o mercado financeiro tenha mostrado grande resiliência em 2023, existem receios de que maiores restrições financeiras possam quebrar essa mesma resiliência.

O emprego é um indicador que costuma arrastar-se com algum atraso em relação ao acelerar e desacelerar das economias, como tal, enquanto os restantes indicadores económicos sofreram quebras em 2023, o mesmo só se deve observar no emprego em 2024. O ILO estima que a nível mundial o emprego cresça apenas 0,8% em 2024, no entanto, este crescimento está apoiado nos países de menor rendimento, dado que para as economias de rendimento médio alto o crescimento deverá ser de apenas 0,3% e para as economias de alto rendimento é esperado um decréscimo de 0,2%. As mulheres serão mais afetadas por esta quebra, a nível mundial, o emprego masculino deverá aumentar 1,1%, enquanto o feminino deverá aumentar apenas 0,3%.

A perspetiva para a taxa de desemprego é de estabilidade, passando de 5,1% em 2023 para 5,2% em 2024, valor que se deverá manter em 2025. É expetável que este aumento ligeiro seja transversal aos níveis de rendimento dos países.

Do ponto de vista político, 2024 promete ser um ano atribulado. O conflito no Médio Oriente mostra sinais de poder subir de tom, com Israel a promover ataques que extravasam a resposta ao Hamas. Este conflito ameaça não só arrastar mais países para a guerra, como incendiar ainda mais as opiniões públicas pelo mundo inteiro. A guerra na Ucrânia não mostra sinais de se aproximar de uma conclusão numa altura em que o apoio ao país invadido parece perder força, nomeadamente nos Estados Unidos. Para os EUA o ano de 2024 é especialmente importante pois será ano de eleições onde o cenário de reeleição de Donald Trump é uma realidade bastante presente, que poderá mergulhar o país num ambiente de conflito social intenso e pôr em causa muitas das posições externas tomadas nos últimos anos.

No que toca ao ambiente, o ano de 2023 foi o ano mais quente desde que há registo, mas 2024 pode vir a ser pior segundo um relatório do Fundo Mundial para a Natureza. Nos EUA algumas seguradoras já retiraram a sua cobertura a casas nos estados da Califórnia e Florida dado o risco de seca e incêndios. Os especialistas temem que o próximo ano traga ainda mais catástrofes naturais e fenómenos meteorológicos extremos.

Europa

No médio longo prazo o Banco Central Europeu espera uma recuperação do crescimento do PIB à medida que a inflação vai abrandando e que os países vão arrançando alternativas energéticas que permitem estabilizar o mercado neste setor. No entanto, esta recuperação só se deverá começar a manifestar na segunda metade de 2024. Desta forma, a OCDE e o BCE estimam um crescimento do PIB europeu de 0,8% em 2024 e de 1,5% em 2025.

Relativamente à inflação, é esperado que a tendência de redução da inflação continue, com a taxa a cair para os 2,9% em 2024 e 2,3% em 2025. No entanto, a OCDE alerta para a potencial volatilidade deste indicador, dado o risco de aumento da incerteza no mercado da energia e de disrupção de cadeias de fornecimento.

PREÇOS NO CONSUMIDOR





De mencionar que a redução da inflação deverá também ser apoiada pela moderação do crescimento da procura privada, 1,6% segundo o FMI. A OCDE apresenta uma previsão ainda mais pessimista apontando para um crescimento de apenas 1,1%. Este consumo modesto deve-se às elevadas taxas de juro que têm tido impacto nas poupanças das famílias, em especial em países com maior incidência de juros variáveis nos empréstimos.

Relativamente ao consumo público, é esperado que em 2024 este cresça entre os 0,8%, segundo dados da OCDE, e 1%, segundo dados do FMI.

Para o mercado do trabalho é esperado uma estabilização. O crescimento do emprego deve abrandar para os 0,4% em 2024 e 2025. No entanto, é esperado que certos setores continuem a encontrar fortes dificuldades na contratação, nomeadamente a saúde, hotelaria, construção e tecnologias de informação. Embora possa haver variações de país para país, a expectativa é que o desemprego se mantenha estável, com uma taxa média na Europa de 6% para 2024, e a cair ligeiramente para os 5,9% em 2025.

A política monetária deve continuar apertada durante o ano de 2024 enquanto as pressões inflacionárias não perderem mais força. A OCDE alerta para o risco de as políticas financeiras restritivas permanecerem durante demasiado tempo na União Europeia. De lembrar que em 2023 estas medidas de contenção começaram a fazer-se sentir em vários setores da economia. Pese embora o abrandar da procura contribua positivamente para a desinflação, tem impactos adversos no crescimento e pode levar a uma destabilização dos mercados financeiros.

Outros

China

A OCDE espera um crescimento de 4,7% do PIB chinês em 2024, mais um sinal de abrandamento da economia do país. A situação deve continuar a agravar-se com o crescimento em 2025 a cair para os 4,2%.

A expectativa é de que a taxa de inflação permaneça baixa, 1% em 2024 e 1,5% em 2025. A China deverá manter a sua posição favorável no acesso à energia russa, mantendo os preços do setor baixos. Adicionalmente, a quase autossuficiência alimentar também não deverá ser afetada, evitando o disparar dos preços no setor alimentar.

O FMI prevê que o desemprego se mantenha estável nos 5,2% no próximo ano, sendo que a mão-de-obra mais jovem continuará a ser mais afetada.

O maior risco para a economia chinesa no futuro imediato é o setor imobiliário onde muita incerteza continua a pairar sobre algumas das suas maiores empresas.

EUA

As projeções da OCDE indicam que o PIB dos EUA, que cresceu 2,4% em 2023, cresça apenas 1,5% em 2024. Se a economia mantiver a trajetória económica atual, deverá haver uma ligeira recuperação em 2025 para um crescimento de 1,7%.

Ao contrário da maioria das outras regiões, é esperado que a política monetária aperte durante o próximo ano, dado que os EUA tiveram uma posição mais relaxada em 2023. Por conseguinte, poderá existir uma ligeira quebra do investimento, um abrandamento do setor imobiliário e um aumento do desemprego. Como tal, o desemprego deverá subir para os 4,1% segundo a OCDE, ou numa projeção mais otimista, para os 3,8% segundo o FMI.

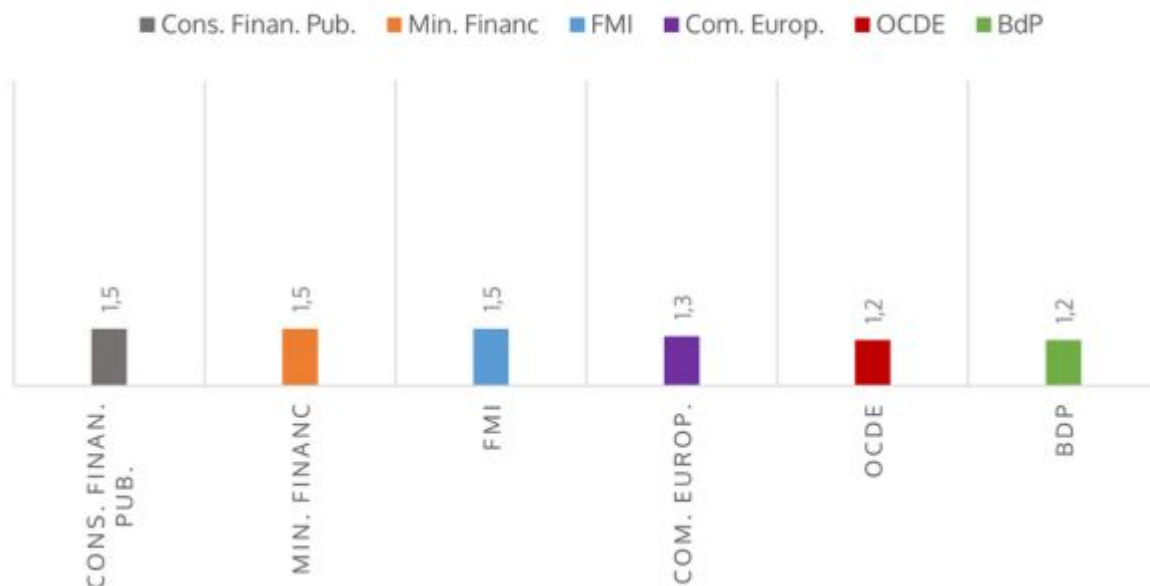
De notar que, conforme mencionado nas projeções mundiais, o próximo ano marca ano de eleições onde o cenário de novo confronto entre Joe Biden e Donald Trump parece tornar-se cada vez mais real. Para além das implicações económicas que uma mudança de partido no poder pode trazer, existe um risco real de crispação das relações entre a população democrata e republicana. Este cenário de volatilidade traz muita incerteza aos especialistas no que toca a previsões para 2024. Pese embora as eleições tenham lugar no último trimestre do ano, existem receios que um regresso ao poder do candidato republicano possa enviar logo sinais negativos aos mercados financeiros.

5.2 Cenário Interno

Nota inicial: este Relatório de Gestão é elaborado com base nos estudos mais recentes disponibilizados por organismos oficiais, sendo que alguns foram elaborados antes da queda do Governo português. Já em 2024, mais suspeitas de crime foram levantadas sobre o Governo da Região Autónoma da Madeira que, à data, podem ameaçar a sua estabilidade. Como tal, pese embora os orçamentos já estejam aprovados tanto a nível regional como continental, a alteração governativa que irá ocorrer em 2024 pode levar à alteração de políticas que afastem Portugal das projeções que se apresentam abaixo.

Essas projeções indicam que 2024 deverá ser um ano semelhante a 2023, em que ambos são caracterizados pelo abrandamento da economia. A situação negativa dos parceiros económicos de Portugal deve manter-se, o que irá continuar a afetar as exportações e a atividade económica. No entanto, a recuperação da procura externa, o desacelerar da inflação e o Plano de Recuperação e Resiliência deverão suportar uma recuperação de médio longo termo.

CRESCIMENTO PIB 2024 (%)





Como é possível observar no gráfico acima, as projeções de crescimento para o próximo ano variam entre os 1,2% e os 1,5%. Para 2025 as projeções variam entre os 1,8% e os 2,2%. No longo prazo, o FMI prevê uma taxa de crescimento de 1,9% em 2028.

As exportações, segundo dados do Banco de Portugal, devem crescer apenas 2,3%, depois de terem crescido 5,3% em 2023. As importações deverão acelerar, crescendo 3,2%, depois de terem crescido 2,2% em 2023.

Como mencionado acima, um dos fatores que irá contribuir para a recuperação de Portugal será o desacelerar da inflação. A Comissão Europeia, que tinha uma das estimativas mais pessimistas para a inflação em 2023 (5,5%), prevê um abrandamento para os 3,2% em 2024 e 2,4% em 2025. Observando-se esta trajetória, Portugal estará muito perto do rácio ideal de estabilidade de 2%. Esta recuperação será em grande parte consequência da política monetária mais restritiva que deverá ser aliviada ao longo do próximo ano. Não obstante, espera-se que 2024 possa começar com uma aceleração da taxa de inflação, dado o fim do programa IVA zero e a possível instabilidade do mercado da energia. No entanto, este efeito será contrabalançado ao longo do ano.

Outro fator já mencionado é o Plano de Recuperação e Resiliência. A OCDE projeta um aumento do investimento dos fundos do PRR. Em 2023 este tipo de investimento representou 0,8% do PIB, em 2024 deverá representar 1,9% e em 2025, 1,1%.

Relativamente ao consumo privado, o Banco de Portugal e a OCDE preveem que se deverá manter baixo, crescendo apenas 1% em 2024, valor idêntico ao de 2023. É exetável que haja um crescimento em 2025, na casa dos 1,6% - 1,7%. Este crescimento está alinhado com o abrandar da inflação e com a projeção de aumento de salários que contribuem para a recuperação das poupanças das famílias.

No consumo público as projeções são menos claras, o Banco de Portugal projeta um crescimento de 1%, uma quebra ligeira relativamente ao crescimento de 1,1% registado em 2023, por oposição a OCDE projeta um crescimento de 1,8%, o que representa um aumento relativamente ao reportado para 2023.

Também pouco clara é a trajetória do desemprego em 2024. Em 2023 os dados do FMI, Banco de Portugal, OCDE e a Comissão Europeia colocavam a taxa de desemprego entre os 6,5% e os 6,6%. Para 2024 a OCDE prevê que a taxa desça ligeiramente, a Comissão Europeia e o FMI preveem que a taxa se mantenha inalterada, ou seja, 6,5% em 2024, por fim, o Banco de Portugal prevê que a taxa suba consideravelmente para os 7,1%. As diferenças nas projeções estão ligadas à incerteza do mercado de trabalho. A procura de mão de obra deverá continuar a crescer embora, segundo dados do Banco de Portugal, as empresas reportem uma quebra de confiança no mercado do trabalho, por outro lado, a população ativa deverá continuar a aumentar.



5.3 Evolução previsível da sociedade

A Fundação Gaspar e Manuel Cardoso tem como prioridade para 2024 a iniciação da empreitada "Reabilitação do edifício do antigo hospital de Armamar", destinando-se a instalação do Lar Residencial com candidatura aprovada no PARES 3.0 com capacidade para 20 utentes e instalação do CACI com candidatura aprovada no PRR. com capacidade para 30 utentes. Com estas candidaturas a Instituição apostou em novas respostas sociais direcionadas para a área da deficiência.

Outro ponto a atingir em 2024 e para criação de mais receita seria a reabilitação do Prédio de São João da Madeira a necessitar de obras urgentes.

Existe também a preocupação da sustentabilidade da Instituição que tudo fará para conseguir soluções de poupança e enfrentar os novos desafios. Acreditamos que com a colaboração e apoio de todas as entidades e dos nossos colaboradores neste processo é possível dar resposta aos nossos objetivos.



6 - Outras Informações

A FUNDAÇÃO GASPAR E MANUEL CARDOSO não dispõe de quaisquer sucursais quer no território nacional, quer no estrangeiro.

Durante o período económico não ocorreu qualquer aquisição ou alienação de quotas próprias. Aliás a entidade não é detentora de quotas ou ações próprias.

Após o termo do exercício não ocorreram factos relevantes que afetem a situação económica e financeira expressa pelas Demonstrações Financeiras no termo do período económico de 2023.

Não foram realizados negócios entre a sociedade e os seus administradores.

A entidade não está exposta a riscos financeiros que possam provocar efeitos materialmente relevantes na sua posição financeira e na continuidade das suas operações. As decisões tomadas pelo órgão de gestão assentaram em regras de prudência, pelo que entende que as obrigações assumidas não são geradoras de riscos que não possam ser regularmente suportados pela entidade.

Não existem dívidas em mora perante o setor público estatal.

Também não existem dívidas em mora perante a segurança social.

7 - Considerações Finais

Expressamos os nossos agradecimentos a todos os que manifestaram confiança e preferência, em particular aos Clientes e Fornecedores, porque a eles se deve muito do crescimento e desenvolvimento das nossas atividades, bem como a razão de ser do nosso negócio.

Aos nossos Colaboradores deixamos uma mensagem de apreço pelo seu profissionalismo e empenho, os quais foram e continuarão a sê-lo no futuro elementos fundamentais para a sustentabilidade da FUNDAÇÃO GASPAR E MANUEL CARDOSO.

Apresenta-se, de seguida as demonstrações financeiras relativas ao período findo, que compreendem o Balanço, a Demonstração dos Resultados por naturezas, a Demonstração de Alterações do Capital Próprio, a Demonstração dos Fluxos de Caixa e o Anexo.



8 - Anexo ao Relatório de Gestão

Armamar, 26 de Março de 2024

O Conselho de Administração,

Afonso José Morais Gouveia
(Presidente)

José António da Fonseca Pontes
(Secretário)

Dr. Carlos da Cruz Campos
(Tesoureiro)

Fernando Felix Nevado Branquinho
(1º Vogal)

João Paulo Soares C. P. Fonseca
(2º Vogal)
